



A SAUDE ESTA EM CRISE

E o questionamento atinge a medicina convencional

NOVA YORK — "As pessoas criam sua própria realidade; cada pessoa é produto das pressões emocionais desse meio, do estilo de vida que leva", diz o Dr. Richard K. Brown, 60 anos, que abandonou a clínica geral no interior da Virgínia e se instalou em Nova York, onde acaba de escrever seu livro em defesa de uma medicina mais natural, mais independente da farmacologia e dos avanços tecnológicos da ciência. Ele confia fundamentalmente na resistência do organismo humano.

Enquanto corrige provas e reescreve capítulos para que sejam compreendidos pelo leigos, o Dr. Brown atende a poucos pacientes, selecionados entre casos graves ou complexos, de pessoas que acreditam em seus métodos de cura. Há resultados espantosos de recuperação. No entanto, não há mistérios nem novidades excêntricas em seu tratamento. Ele insiste em que não se pode separar o corpo da mente; a energia natural do organismo luta instintivamente por sua prevenção e sobrevivência; é uma aliada do tratamento científico — o qual, sozinho, não faz milagre. Acima de tudo, o doente precisa acreditar no próprio corpo, criar esta confiança intrínseca, e já tem aí meio caminho andado.

A cura pela fé é possível

O Dr. Brown acha que muito doente desenganado foi curado pela fé. Não que tenha havido alguma força sobrenatural, mas uma forte atitude de vencedor: a mente agregando todas as forças do organismo e comandando-as à luta. São raras as doenças que resistem. E, se for um caso fatal, o doente positivo reconhece melhor sua condição e ajuda a família a aceitá-la.

Infelizmente, segundo o Dr. Brown, o sucesso da medicina não ortodoxa no tratamento do câncer, por exemplo, tem sido ignorado e sofre grandes pressões dos médicos convencionais, que sentem que tudo que não foi ensinado na faculdade de medicina e não está aprovado pelo *establishment*, não é "científico". No entanto, o câncer atinge a muita gente que se deixa entregar ao estresse da solidão, da dor (depois da perda de um ente querido), aborrecimentos constantes jamais desabafados, e em casos de depressão aguda permanente. Os aspectos emocionais, mentais e espirituais da doença recebem grande atenção do organismo, que tem capacidade de cura natural. Mas se o doente se entregar à doença, não seguirá uma dieta adequada, se ele se entrega só aos remédios e continuar vivendo os mesmos problemas mentais, isto não acontece.

Medicina preventiva também é um dos métodos que o Dr. Brown defende em seu livro e o aconselha a seus raros pacientes. Esses são são aceitos se concordarem em mudarem os hábitos alimentares (quase sempre errados, com excesso de sal, açúcar e gorduras animais) e o estilo de vida (grandes tensões do ambiente, saídas noturnas exageradas, fumo, álcool, horas extras de trabalho, preocupações etc) que estejam prejudicando o organismo. Diz o Dr. Brown:

— Existe uma interdependência que deve ser respeitada; não se cura a parte física deixando a parte emocional doente.

Boa nutrição e vida emocional sadia, para começar. As doenças surgem, muitas vezes, porque as pessoas não cuidam do organismo. Não respeitam o que têm. E não cuidam da saúde mental. A doença encontra um todo debilita-

do e se instala. O estilo de vida também é essencial para uma boa recuperação, e é ele que traz problemas de saúde a muita gente. Por exemplo, uma pessoa com dores nas costas e dores de cabeça terríveis, sem jamais encontrar alívio, corre de médico em médico, troca de remédios, não acerta com um e outro. Essa pessoa não percebe que tem um casamento ruim, que provoca tensão nos músculos; ou um trabalho que não o satisfaz. Essa pessoa está infeliz e não muda de vida, até que a doença, as dores, se agravam, degeneram em outros problemas.

O Dr. Brown acredita que, em certos casos, um doente não quer, inconscientemente, se recuperar. Diz ele:

— Se você quer vencer a doença, sua força de vontade é mais forte do que ela. Um médico não opera sozinho, tem de ser ajudado pelo paciente. Ele não pode largar a responsabilidade nas mãos da medicina, porque nós falhamos também. E preciso ter uma abordagem feliz diante da vida, uma necessidade de viver, de continuar, um carinho enorme pelo seu organismo, só ingerindo alimentação sadia e se cercando de bom ambiente.

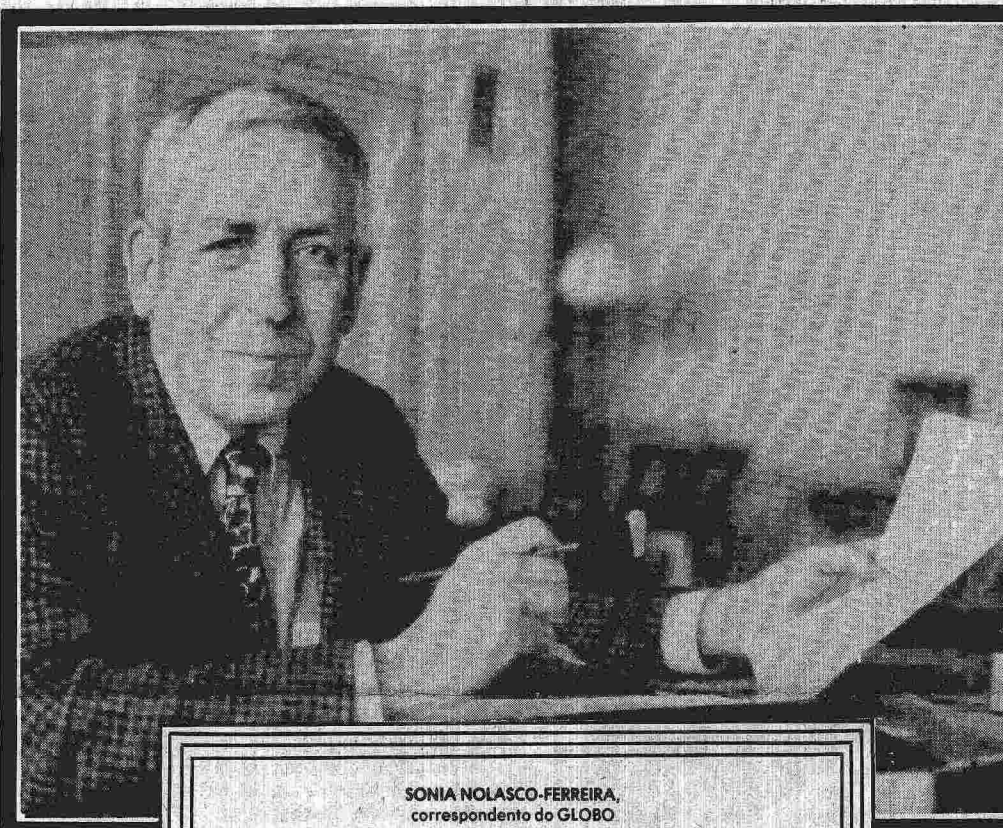
Em seu livro o Dr. Brown analisa vários aspectos da medicina ortodoxa, especialmente a americana, que considera ineficiente, e aponta seus métodos falhos. Também examina a alergia e o metabolismo do corpo, com exemplos de tratamento; casos de artrite, origens e possibilidades de cura; uso e abuso da vitamina, verdadeira potencialidade das vitaminas E e C; homeopatia (na qual ele parece confiar mais que na alopatia); controvérsias em torno de remédios "milagrosos" na cura do câncer; e um longo estudo sobre o câncer, no qual investiga uma "personalidade cancerosa"; ou seja, a pessoa predestinada ao câncer (geralmente muito introvertida, que guarda para si mesmo excesso de preocupações, frustrações, decepções e aborrecimentos).

No seu ataque à medicina convencional, o Dr. Brown critica a mastectomia radical, por exemplo, que não mede os efeitos traumáticos que causam a mutilação física e psíquica. Ele investiga a tese já comprovada de que, em muitos casos de câncer, combinações de doses baixas de quimioterapia produzem maiores efeitos que megadoses, nocivas ao resto do organismo. Diz também que a quimioterapia é focalizada no ataque direto à célula cancerosa, em vez de estimular a capacidade total do organismo de resistir à doença. Em muitos casos de câncer, o Dr. Brown insiste na manutenção da resistência natural do corpo contra a proliferação de células cancerígenas. Diz que equivale à prevenção de infecções através de alimentação saudável e higiene geral:

— Câncer é a manifestação final da inabilidade do organismo em lidar com estresse do meio ambiente — diz ele.

O homem e o meio ambiente

De modo geral, o que o Dr. Brown quer dizer é que a saúde está em crise. Os meios que a protegem, especialmente a medicina, parecem não dar conta do recado. E a indústria farmacêutica, que visa muito mais aos lucros do que à cura do doente, mantém reprimidos os novos métodos naturais. Diante de dados alarmantes e das queixas constantes contra a "medicina estabelecida", o Dr. Brown resolveu escrever este livro, que mexe sem medo com muitas instituições poderosas nos EUA. Finalizando, ele conclui que a medicina deve ser orientada para a saúde, e não para a cura da doença quando já instalada; a medicina deve ser holística, ou



SONIA NOLASCO-FERREIRA, correspondente do GLOBO

Um médico norte-americano, o dr. Richard K. Brown, escreveu um livro, ainda a sair, "The re-formation of medicine" ("A re-forma da medicina") em que contesta frontalmente o *establishment* médico. Segundo ele, a medicina convencional é falha por causa de seu mecanicismo — vê os sintomas isoladamente e não leva em conta o todo mental e físico do paciente e o meio sócio-cultural no qual está inserido. Para o Dr. Brown, a medicina atual peca também por sua burocracia, pelo dogmatismo e por ter embarcado numa crescente comercialização. Ele defende tratamentos mais naturais e coloca a responsabilidade última pela boa saúde no próprio indivíduo, que deve cuidar de sua nutrição e evitar o estresse, mantendo uma atitude positiva diante da vida. Até mesmo o câncer, acredita o Dr. Brown, resulta, em muitos casos, da entrega passiva à dor, aos aborrecimentos e à depressão.

seja, a que prevê não apenas a captação de sintomas e cura de doenças específicas, mas sim a integração do ser humano no seu ambiente. Em síntese, promover a saúde, e não lutar contra doenças.

— A medicina convencional institucionalizada é comparável à pré-reforma da Igreja — diz o Dr. Brown, com bom humor, sua frequente disposição. — E dogmática, autoritária e inflexível. Os médicos parecem mais preocupados em manter o poder e o prestígio do que em descobrir a verdade ou atender com seus serviços, onde eles são necessários. Intolerantes à abordagem de assistência médica ou a qualquer tratamento de saúde que esteja fora de seu controle, a medicina convencional se aliou ao Governo e ao comércio, assim seus decretos e doutrinas são apoiados por pressões econômicas legais. A medicina Institucional não é capaz de reconhecer e curar suas próprias enfermidades.

O Dr. Brown diz, em seu livro, que estamos à beira de uma grande mudança: o custo de saúde subiu drasticamente. "Em 1981 os americanos gastaram US\$ 287 bilhões (Cr\$ 72,3 trilhões, aproximadamente) em tratamento médico, um recorde de 9,8 por cento do nosso PIB, mas a maioria de nossos hospitais está em sérias dificuldades financeiras. A expectativa de vida é alta mas existe grande insatisfação pública com a profissão médica".

O livro do Dr. Brown tenta esclarecer a confusão aparente que envolve as três esferas de saúde

e da medicina atual. A maior esfera é a medicina científica, a convencional, legalmente estabelecida, modelo pelo qual as artes de curar e a prática médica são julgadas e nas quais se baseiam as instituições (médicas). Ela está concentrada em hospitais e laboratórios, e se apoia essencialmente na tecnologia e na farmacologia química. Sua prática clínica é legalmente ligada à aprovação e ao consenso de opinião de seus praticantes. Muito bem sucedida, a medicina científica tem sido a espinha dorsal do sistema médico nos EUA. Seu fracasso em prover atendimento humano adequado e a preços baixos para a população em geral é que gerou insatisfação e queixas. Entretanto, permanece o modelo estabelecido.

A medicina preventiva, orientada para a saúde, retorna aos meios mais fisiológicos e é voltada para o paciente e sua potencialidade de cura, na melhor tradição de Hipócrates. Enfatizando a capacidade de recuperação do corpo humano quando suas defesas naturais são mantidas, ela se orienta no sentido do meio ambiente, da ecologia e da naturopatia (uso dos recursos naturais do paciente, sua reação positiva). A farmacologia é confinada aos componentes naturais do corpo, incluindo vitaminas, enzimas, sais minerais e hormônios.

Esta forma de medicina enfatiza a manutenção da saúde e a prevenção da doença, e coloca a responsabilidade da boa saúde no próprio indivíduo (seu estilo de vida, ambiente e nutrição) do que

na profissão médica. Esta medicina desafia a suposição de que a saúde só pode ser fornecida por profissionais. Atualmente, não há incompatibilidades, a prevenção é usada pela medicina científica.

Medicina holística é a que se estende além dos limites das duas, da ciência convencional e do materialismo do Ocidente. Deriva da visão antiga da inseparabilidade do espírito, mente e corpo. Sua relação com o misticismo oriental, ao mesmo tempo que as mais avançadas sofisticadas da Física, desafiam o pensamento ocidental. A energia do holismo inclui práticas já difundidas, como ioga, homeopatia, acupuntura, e

curandeiros pela fé, biofeedback, parapsicologia etc.

Depois de duas décadas e meia de uso de medicamentos "milagrosos", especialmente os de tratamento contra o câncer, e tecnologia avançada, existe o reconhecimento geral de que isso não é ainda suficiente para impedir a degeneração da saúde e o aparecimento de doenças, algumas jamais vistas. Segundo o Dr. Brown, elas são oriundas em grande parte do nosso modo de vida e meio ambiente, o qual tem sido largamente alterado pela indústria química e tecnológica. A medicina moderna, que se concentrou no tratamento de doenças, agora se volta para a prevenção dessas doenças e manutenção da saúde. Está saindo do puramente químico e da abordagem mecânica da ciência para incluir todos os aspectos do homem: mente, espírito, energia e meio ambiente.

O Dr. Brown admira particularmente o livro de David Horrobin, "Medical hubris" ("Orgulho médico"), em que o autor postula que a medicina deve ser uma vocação para pessoas moderadamente inteligentes e equilibradas, que funcionem como doutores, e não uma carreira em que sejam acumuladas honras acadêmicas e enriquecimento rápido. Horrobin sugere que no mínimo metade dos estudantes tenha pelo menos 30 anos de idade, com experiência de vida fora do confinamento estreito da comunidade científica.

Hoje em dia, diz o Dr. Brown, os médicos, frequentemente, parecem distantes, inacessíveis, insensíveis e desinformados, com motivações materiais e egoístas. Uma pesquisa de 1976 sobre 7758 médicos mostrou que 48 por cento consideravam a medicina um negócio, enquanto em 1969 apenas 14 por cento pensavam assim.

Ivan Illich, em "Medical nemesis" (citado por Brown), critica particularmente a passividade das pessoas em face da medicina, que equivale ao abandono da iniciativa do indivíduo na defesa de sua própria saúde. Ele considera que o maior erro da medicina moderna é justificar doenças apenas pelo que são, não considerando as condições de vida impostas ao indivíduo. O Dr. Brown coteja Illich com David Horrobin, em seu "Medical hubris". Diz que Illich é pela total liberalização da medicina, permitindo a leigos procurarem e encontrarem suas próprias soluções, enquanto Horrobin acha ridícula essa prática, que considera visionária e irresponsável. Brown, como Horrobin, acha que a reforma da profissão deve vir da própria classe médica, com gente informada e sensível à crítica de leigos, como Illich.

O Dr. Brown critica a cadeia de academias, associações profissionais, agências regulatórias e a indústria farmacêutica. Acha que esse *establishment* exerce um controle praticamente policial sobre a prática médica, controlando a maioria dos fundos disponíveis. Vê nisso um processo crescente de desumanização e rigidez. Em capítulos separados, Brown analisa instituições como a American

Medical Association e a Food and Drug Administration (agência federal), e o Instituto Nacional de Saúde, por ser bastião do conservadorismo, jogando milhões de dólares a serviço da ortodoxia vigente. E quando um cientista como Linus Pauling, físico nuclear e Prêmio Nobel, homem de gênio, mas não médico, descobre as propriedades da vitamina C em tratamentos preventivos variados, não ratificados pela ortodoxia, ele é ridicularizado. O que importa são as vendas de medicamentos no país: mais de US\$ 10 bilhões (Cr\$ 2,5 trilhões) anualmente.

Câncer, um mal americano

Brown faz uma crítica devastadora à destruição do meio ambiente pelo progresso industrial, pelas grandes corporações, e nota que estas dispõem de fundos que distribuem generosamente às universidades e ajudam a condicionar o estudante a não enfatizar muito a relação entre meio ambiente e saúde. Faz acusações pesadas a essas corporações, comparando-as ao complexo militar americano. Considera, por exemplo, que os efeitos da petroquímica, um dos campos industriais mais lucrativos, têm sido devastadores sobre a saúde do ser humano, e que cerca de 400 bilhões de quilos de elementos poluidores penetram anualmente no meio ambiente americano — e isto é um fator decisivo na estatística de que, hoje em dia, um entre cada quatro americanos tem câncer.

Brown cita a proliferação de uma rede de organizações que tratam do câncer e constituem um sombrio monumento às falhas da medicina convencional em tratar a doença. E ele dá grande ênfase à nutrição e à promoção de uma consciência política referente às causas ambientais do câncer. Não é demais repetir que o Dr. Brown considera a nutrição o fator decisivo na luta pela totalidade da saúde. Com algumas reservas, acha que há lojas de produtos naturais melhores que a indústria farmacêutica tradicional.

O Dr. Brown deixa claro que todo este progresso científico tem sido produto que contraria os objetivos professos. Assim é que o extraordinário avanço tecnológico da Era Nuclear, se considerando só este século, conseguiu partir o átomo, mas não levou em conta os efeitos dessas conquistas sobre a saúde humana. Brown prega a medicina natural, preventiva e total (holística), considerando mecanicista a abordagem vigente, em que o paciente entra no consultório, descreve sintomas, é examinado com aparelhagem sofisticada, por um médico informado, mas restrito a causas e efeitos imediatos, não levando em conta o complexo de circunstâncias que tornaram nosso mundo tão difícil de nele se habitar e sobreviver, em face das pressões físicas e psicológicas.

MARCELO